

As redes sociais a serviço do imperialismo do capital e dos Estados Unidos

Mauro Donato¹

255

Resumo

O capitalismo demanda um sistema mundial, pois precisa de larga escala para funcionar, e as redes sociais são importante instrumento para sua expansão. A questão poderia ser vista como meramente comercial não fosse o fato de todas as empresas dominadoras desse segmento serem americanas e os EUA serem o representante-mor do capitalismo e eterno candidato a império mundial. Nesse ponto as coisas se embaralham. Essas plataformas foram criadas para a interação social, contudo propiciam também o compartilhamento de informação. Mais ainda: possibilitam a criação e publicação de conteúdos por qualquer pessoa. Publicar conteúdo não implica afirmar que se publique verdades. “Quem detém informação detém poder”, é ditado antigo. No mundo moderno, o poder se encontra na desinformação. E a desinformação tem corroído democracias. Fake news são o recurso mais eficaz para polarizar uma sociedade de modo a perturbá-la em variados níveis, em diversas esferas, predispondo-a a conflitos. A ascensão da extrema direita mundo afora, por exemplo, é fruto do adensamento desses grupos nas redes sociais. E “as direitas”, extrema ou moderada, são francamente capitalistas, defensoras da concentração de renda, da exploração da força de trabalho e do extrativismo irresponsável de recursos naturais.

Palavras-chave: redes sociais; imperialismo; Estados Unidos.

¹ escritor e jornalista. Autor de “Além do Pó” pela Editora Chiado (2016) sobre a resistência partigiana na Segunda Guerra Mundial, tem atuação em sites progressistas com matérias, artigos e entrevistas para as editorias de educação, política, movimentos sociais, cultura, comportamento, sustentabilidade. Foi âncora de programa diário (Live das 17) no canal do site DCM entrevistando senadores, deputados, vereadores, analistas políticos, artistas, líderes comunitários. | maurodonato@uol.com.br



Resumen

El capitalismo demanda un sistema mundial, ya que necesita una gran escala para funcionar, y las redes sociales son un instrumento importante para su expansión. El tema podría verse como meramente comercial si no fuera por el hecho de que todas las empresas dominantes en este segmento son estadounidenses y Estados Unidos es el principal representante del capitalismo y el eterno candidato al imperio mundial. En ese punto, las cosas se mezclan. Estas plataformas fueron creadas para la interacción social, sin embargo, también brindan intercambio de información. Es más: hacen posible que cualquiera pueda crear y publicar contenido. Publicar contenido no implica afirmar que se publican verdades. “Quien tiene información tiene poder”, es el viejo refrán. En el mundo moderno, el poder reside en la desinformación. Y la desinformación ha erosionado las democracias. Las fake news son el recurso más eficaz para polarizar una sociedad con el fin de perturbarla a distintos niveles, en distintos ámbitos, predisponiéndola a conflictos. El auge de la extrema derecha en todo el mundo, por ejemplo, es el resultado de la densificación de estos grupos en las redes sociales. Y “las derechas”, extrema o moderada, son francamente capitalistas, defensoras de la concentración del ingreso, la explotación de la mano de obra y la extracción irresponsable de los recursos naturales.

Palabras clave: redes sociales; imperialismo; Estados Unidos

Abstract

Capitalism demands a world system, as it needs a large scale to function, and social networks are an important instrument for its expansion. The issue could be seen as merely commercial were it not for the fact that all dominant companies in this segment are American and the US is the main representative of capitalism and eternal candidate for world empire. At that point, things get mixed up. These platforms were created for social interaction, however, they also provide information sharing. What's more: they make it possible for anyone to create and publish content. Publishing content does not imply stating that truths are published. “Whoever has information has power”, is the old saying. In the modern world, power lies in disinformation. And disinformation has eroded democracies. Fake news is the most effective resource to polarize society in order to disturb it at different levels, in different spheres, predisposing it to conflicts. The rise of the far-right around the world, for example, is the result of the densification of these groups on social networks. And “the right wings”, extreme or moderate, are frankly capitalist, defenders of income concentration, exploitation of the labor force, and irresponsible extraction of natural resources.

Keywords: social networks; imperialism; United States.



Introdução

Livro um: Em meados deste ano, o fotógrafo Jonas Bendiksen lançou um livro chamado "O Livro de Veles", sobre a pequena cidade homônima localizada no interior da Macedônia e que foi uma usina de sites pró Donald Trump nas eleições de 2016. Jovens e adolescentes em sua maioria - os chamados *Veles boys* - montaram sites com aparência jornalística, abriram espaço para publicidade com auxílio do Google AdS, gastaram os dedos executando copy/paste com informações mentirosas favoráveis a Trump e desfavoráveis aos democratas e depois jogavam essas "notícias" nas redes sociais pagando ao Facebook para impulsioná-las. Com milhões de pessoas clicando, curtindo e compartilhando, começaram a fazer dinheiro. Na diminuta Veles, onde o salário médio é de míseros 350 euros mensais, jovens que antes sofriam com desemprego estavam ganhando mais do que isso por dia com suas redes sociais. Sim, por dia. Uma "corrida do ouro digital" sem precedentes na pacata e pobre Veles.

Foram muitas as matérias jornalísticas publicadas na época a respeito do fenômeno e Jonas Bendiksen foi até a cidade apurar a história e captar imagens para seu livro. Pronto e publicado este ano, a obra é uma provocação e tanto ao debate acerca da falsidade, das fake news, das redes.

O fotógrafo foi, sim, até Veles e lá fez suas fotos. Essa é a única parte verdadeira do livro. Bendiksen fotografou os locais sem a presença de humanos propositalmente. Todas as pessoas que aparecem no livro interagindo nas cenas são falsas, trata-se de avatares 3D realistas criados com os mesmos softwares usados no cinema ou em desenvolvimento de games. Pessoas tão reais como os dinossauros de Jurassic Park. Nem mesmo o texto do livro tem mãos e mente humana na elaboração. Foi todo escrito por Inteligência Artificial. Bendiksen utilizou uma ferramenta para criação de texto chamada GPT-2 (um sistema "treinável" muito usado por empresas para seus robôs de atendimento ao cliente), alimentou esse sistema com artigos referentes ao tema e "pediu" um ensaio com 5.000 palavras. Ele não escreveu uma única vírgula. Assombroso, não?

Em resumo: o fotógrafo fez um livro inteiro sobre a existência de um polo de informações falsas (o que é verdadeiro), sendo que seu livro traz essa realidade de maneira falsa.

A provocação de Jonas Bendiksen é muito válida e necessária e abro este artigo com ela pois temos, nós progressistas, a crença arraigada de que apenas a direita é burra o suficiente para cair em lorotas. Com a sofisticação



dos programas de computação gráfica, a substituição de rostos e alteração de sincronismo labial nos vídeos deepfake - e sabe-se lá o que ainda está por vir - todos podemos ser vítimas de fake news mais cedo ou mais tarde. E o meio mais eficaz para disseminar inverdades são as redes e mídias sociais.

Livro dois: “Na estrada da informação, a tecnologia e os serviços editoriais vão se aliar para oferecer uma variedade de maneiras de encontrar informação”, escreveu Bill Gates em 1995 no seu “A Estrada do Futuro”, no qual fez dezenas ou centenas de projeções certas para um futuro feliz e prático em que o acesso a computadores tivesse se popularizado. Gates “previu” o *home office*, os serviços de streaming, os bancos digitais. Mas nada de redes sociais. No máximo da aproximação com o tema, afirmou que existiriam comunidades de aficionados por interesses em comum em sites da web e fóruns online ou grupos de email para discussões. Redes sociais como são hoje foi algo que ficou fora do radar dele (dez anos depois, em 2005, analisando o surgimento e explosão dos aplicativos, o antes otimista Bill Gates emitiu um memorando para administradores e alta cúpula de engenheiros da Microsoft em que escreveu: “Essa nova onda será muito destrutiva”).

Livro três: Em 1949, George Orwell escreveu a assustadora obra “1984”, uma distopia na qual os cidadãos são vigiados por telas que os veem. Cada passo, cada movimento é monitorado, onde quer que estejam, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Controle total e absoluto. A representação icônica de um regime totalitário que comanda um dos três grandes blocos nos quais o mundo está dividido. Um terço do mundo está sob os escrutínios do “Grande Irmão”. Agora aqui em 2021, um terço da população mundial está no Facebook. George Orwell errou por alguns anos sua macabra previsão de um grande olho déspota, controlador e manipulador, mas ele está aí: redes sociais.

As redes sociais a serviço do imperialismo do capital e dos Estados Unidos

“O capitalismo é a primeira organização econômica e social com vocação mundial (...) Algo inerente ao capitalismo desde suas origens é operar como sistema mundial (...) Mundialização e imperialismo são duas categorias que se referem a processos estreitamente relacionados, porque se



potencializam e se condicionam mutuamente. A existência de uma economia mundial é uma condição para que emergja o imperialismo”, disserta Jaime Osorio, professor da Universidade Autônoma Metropolitana, do Chile.

Um império, é bom lembrar, não é uma democracia. O capitalismo também não. Ele se retroalimenta aprofundando a desigualdade e mantendo bolsões de pobreza e miséria. Pessoas pobres equivalem a força de trabalho barata e submissa aos processos produtivos executados em escala que o capitalismo e os investimentos imperialistas demandam.

Não é mais novidade para ninguém que as empresas de redes sociais criadas por netos de hippies da Califórnia para troca de fotos de gatinhos fofo, vídeos de gente dançando e listas de coisas que não devemos deixar de fazer antes de morreremos nada têm de inofensivas. Mas o leitor pode estar se perguntando o que a iniciativa privada tem a ver com o tema “Imperialismo diante dos impasses do fim do mundo” desta edição.

Voltemos brevemente a “1984” (o livro, não a data). A obra era mais uma paródia de Orwell que criticava o socialismo, chamado por ele de Socing (o escritor já havia feito algo semelhante em A Revolução dos Bichos com o comunismo). Para Orwell, o Grande Irmão, o grande olho a dominar o mundo era não uma pessoa e sim um sistema, o socialismo. Mas a vida não só imita como prega peças na arte. No mundo real de 2021 o vilão controlador onipresente, onisciente, deturpador de mentes e obliterador da memória evolutiva é o capitalismo.

Essas redes tornam tanto mais fácil sua expansão como revelam a qual hegemonia estamos vulneráveis. Todas as gigantes do ramo são americanas: *Facebook, Instagram, Twitter, Whatsapp, Google, Youtube, Pinterest, Snapchat*, para ficarmos nas mais conhecidas. E ainda que vez por outra executivos dessas empresas sejam pressionados por autoridades americanas, a diatribe litigiosa gira quase sempre acerca do abuso de coleta de dados pessoais.

Veja o recente “escândalo” *Facebook Papers*. O que Frances Haugen, ex-gerente de produtos da empresa de Zuckerberg, expôs ao Wall Street Journal através de documentos internos revela que a rede social “prioriza o crescimento em detrimento da segurança dos usuários”; que o Facebook “sabe que se mudar o algoritmo para ser mais seguro as pessoas vão passar menos tempo no site, vão clicar em menos anúncios, e ele vai ganhar menos dinheiro”; que “celebridades, políticos e usuários de grande visibilidade da rede social são tratados de forma diferente”; que “os produtos do Facebook prejudicam as crianças”.



Denúncias muito importantes, mas qual a novidade?

Haugen, que é Engenheira de Informação e especialista em algoritmos, afirmou ainda em entrevista que o Facebook instigou a violência em apoiadores do ex-presidente Donald Trump que invadiram o Capitólio em janeiro deste ano, resultando em cinco pessoas mortas. "Enquanto o Facebook estiver operando no escuro, não prestará contas a ninguém e continuará a fazer escolhas que vão contra o bem comum", disse ela.

Bem antes dos vazamentos de Haugen o Facebook já sabia, através de pesquisa interna, que um cartel de drogas - o mexicano Cartél Jalisco Nueva Generación - utilizava a rede social para postar conteúdo violento e recrutar novos membros. Fotos e vídeos de armas, pessoas baleadas e até decapitadas eram publicadas pelo grupo também no Instagram (rede associada ao Facebook). Nenhuma providência "interna" tinha sido tomada até que o episódio viesse a público.

Países onde o Facebook é sinônimo de internet, os usuários tornam-se reféns da desinformação e sujeitos à manipulação ideológica e psicológica, lançando a população no caos, como ocorrido nas Filipinas, ou em tragédias cuja consequência é um número muito mais elevado do que cinco mortes, como em Myanmar. Lá a minoria rohinga foi vítima de discurso de ódio que culminou em assassinatos em massa e mais de 700 mil rohingas tiveram que fugir do país.

Quando confrontado com sua responsabilidade nesses casos, a resposta padrão da rede social é alegar que está investindo em inteligência artificial para reforçar a segurança e assegurar que conteúdos de indivíduos e organizações perigosas sejam removidos. Quando colocados contra a parede, o que esses executivos fazem é acusar a máquina. Mas o que se quer aqui não é uma reportagem sobre os malefícios da administração de conteúdo do Facebook e sim alertar sobre como esses tribunais são para inglês ver.

Fora dos EUA essas redes podem tudo. São autocracias, sem regulamentação, exercem suas próprias regras, roubam patentes, destroem democracias. Por seu caráter disruptivo, desestabilizam países quando bem entendem, de acordo e em atendimento ao interesse do momento. Interesses do capital e, por conseguinte, dos Estados Unidos, o representante-mor do capitalismo. Se fossem mero entretenimento, recreativo e inofensivo, por que os EUA travam batalha contra o chinês TikTok?



Durante o governo Donald Trump, mandados judiciais tentaram impedir o funcionamento do aplicativo chinês por suspeita de se tratar de uma ferramenta de espionagem. O exército americano chegou a proibir que soldados tivessem conta no aplicativo, pois sua utilização poderia representar uma ameaça para a segurança nacional devido a obtenção de dados privados dos cidadãos. O atual presidente, Joe Biden, revogou os decretos de Trump sem deixar de afirmar que manterá a investigação sobre as questões de segurança.

A questão poderia ser vista como meramente comercial e a criação de barreiras visaria proteger as companhias americanas uma vez as empresas do Vale Silício parecem ter poucas ideias novas ao passo que a China mostra um desenvolvimento tecnológico intenso. “Se você examinar quais são os 100 aplicativos mais baixados no Google Play da Índia, por exemplo, pelo menos 40 são chineses. O TikTok foi só o primeiro a ganhar a atenção do Ocidente”, diz Jeffrey Towson, professor do MBA da Universidade de Pequim, em entrevista ao El País.

Dono do TikTok, o chinês Zhang Yiming, fundou sua startup ByteDance em 2012 espelhado no sucesso dos californianos do Facebook, da Apple e do Google. Começou com uma plataforma chamada Jinri Toutiao, um compilador de notícias que usava inteligência artificial para adaptar seu conteúdo aos usuários. Polêmico? Responda, leitor, qual a diferença disso para o que fazem os americanos Facebook, Google e similares? O Google de hoje não apresenta mais os resultados da busca solicitada pelo usuário conforme relevância e veracidade das informações após análise simultânea em centenas de milhares de servidores, como no passado. Atualmente, quando uma pessoa digita algo no campo de busca, o resultado mostrado pelo Google leva em consideração onde ela mora, quais suas crenças, que livros lê, que clubes frequenta. Enfim, qual “sua turma”. E tudo isso sem precisar perguntar nada ao usuário já que todo esse espectro íntimo é de conhecimento do aplicativo. A resposta vem ao gosto do freguês.

A existência de centenas de milhares de pessoas, em pleno século XXI, defensoras da tese de que a Terra é plana se deve ao Youtube. Foi através de vídeos da plataforma que o engajamento na sandice terraplanista prosperou e se multiplicou. Ou a teoria de que o vírus Covid-19 tenha sido uma criação chinesa para disseminar o comunismo através da vacinação mundial em massa que implantaria chips subcutâneos com tecnologia 5G.

Esses exemplos de retorno aos tempos das cavernas, às trevas, já consistiriam em provas por observação empírica de que essas mídias sociais



podem conduzir a mente do usuário. Não satisfeito com opiniões intuitivas, o MIT (Massachusetts Institute of Technology) realizou um estudo com o Twitter no qual restou comprovado que fake news se espalham 6 vezes mais do que fatos verificados e notícias verídicas. Pode existir algo mais dominador, autoritário, imperialista do que deter a posse de todos os dados pessoais e ainda desvirtuar a verdade e as leis da física?

A essa fase atual em que vivemos, o professor da UFABC Sergio Amadeu da Silveira chama de “novo colonialismo”. “Voltamos a ser colônia, a colônia que entrega dados de nossos cidadãos de bandeja para os americanos.” Para ele, iniciativas de parcerias estatais com essas empresas, estimuladas e enaltecidas por governantes que se pretendem gestores modernos, colocam em risco setores estratégicos como o Tribunal de Justiça de São Paulo e o Ministério da Educação. O primeiro quase fechou um acordo com a Microsoft para implementar um sistema de hospedagem de processos e inteligência artificial no judiciário paulista; o segundo entregou dados do Sisu como histórico escolar, desempenho e escolhas de cursos em faculdades. “O Estado brasileiro tem menos informações sobre seus cidadãos do que possuem a Amazon, o Google ou o Facebook”, alerta.

Essa é uma forma inédita de poder e influência e, mais assombroso, ainda em desenvolvimento e aperfeiçoamento, crescendo exponencialmente a cada dia. O que essas redes praticam é chamado de “capitalismo de vigilância”, que lucra comercializando dados e padrões de comportamento através de um rastreamento ininterrupto de todos, 24 horas por dia, 7 dias por semana. “Assim como há mercados que negociam, por exemplo, valor futuro do petróleo, agora temos esse mercado que negocia comportamento humano no futuro, produzindo trilhões de dólares e tornando as companhias de internet nas empresas mais ricas da história da humanidade”, afirma Shoshana Zuboff que é professora de administração de negócios, filósofa e Ph.D. em psicologia social da Universidade de Harvard. Comércio, barganha, especulação.

Seria simples disputa de mercado não fosse o fato de todas as empresas dominadoras desse segmento serem, ainda, americanas e os EUA serem o representante-mor do capitalismo e eterno candidato a império mundial. Nesse ponto as coisas se embaralham. O governo americano atua na reserva de mercado em favor das empresas controladoras das redes sociais impedindo concorrentes internacionais e colocando uma venda nos olhos da Justiça; o capitalismo depende de mão-de-obra mal remunerada, algo mais facilmente encontrado em países pouco desenvolvidos ou em



situação instável; as redes sociais fazem o serviço sujo de não evitarem (para não dizer fomentarem) os discursos de ódio que jogam esses países em polarizações violentas; os Estados Unidos se fortalecem com os lucros das operações exploradoras da iniciativa privada sem fronteiras.

Em suma, fake news geram maior disseminação e engajamento, o que gera lucro. Portanto as redes e mídias sociais são sistemas inclinados a falsas informações por interesse financeiro. Capitalismo antiético no mais puro estágio, sem nenhum dilema moral acerca de qual caminho tomar, pouco se lixando com a epidemia de desinformação e retrocesso que causa.

Evidentemente que não precisava nem era para ser assim. Executivos, engenheiros, criadores desses aplicativos tinham boas intenções, almejavam um impacto positivo na sociedade através das redes sociais. Hoje grande parte deles está arrependida e considera essa indústria um perigo (e só o fato de a chamarem de *indústria* diz muito). Vários deles estão hoje não apenas arrependidos como admitem proibir seu filhos de terem acesso livre às redes. Pessoas que viram suas crias transmutarem-se num Frankenstein (Justin Rosenstein, criador do botão "curtir" no Facebook, diz no documentário O Dilema das Redes que sua intenção era a de espalhar positividade, e hoje está assustado com o nefasto efeito da falta de curtidas gerar depressão, ansiedade e demais transtornos mentais chegando a casos de suicídio). E ao menos um deles, o cientista de computação Jaron Lanier, defende com todas as letras que o correto a se fazer é deletarmos nossos perfis e sairmos das redes sociais.

A própria web não era para ser nada disso. Seu criador, Tim Berners-Lee, a projetou como algo livre - e gratuito - além de transformador. Esperançoso, Berners-Lee sonhava que, quando os computadores se tornassem acessíveis a todas as pessoas, a www propiciaria troca de conhecimento, com uma cooperação poderosa entre indivíduos que tornariam o mundo melhor e menos desigual. Em todas as suas últimas declarações e entrevistas, Tim Berners-Lee tem se mostrado preocupado com a perda de controle de nossos dados pessoais e desgostoso de ver sua criação ter se transformado num empreendimento comercial.

"O mundo atual é um lugar desolado (...) ainda mais se comparado ao futuro imaginário para o qual as pessoas daquela época pensavam estar caminhando (...) a visão de uma sociedade futura incrivelmente rica,



organizada e eficiente fazia parte da consciência de praticamente toda pessoa culta (...) isso não aconteceu em parte porque o avanço tecnológico dependia do hábito empírico do pensamento, que não pôde sobreviver numa sociedade regimentada de maneira estrita. O mundo hoje, como um todo, é mais primitivo do que há cinquenta anos”, é mais um trecho de 1984. Parece um dos lamentos de Tim Berners-Lee em entrevistas, mas era o visionário George Orwell ainda na primeira metade do século passado, 72 anos atrás.

Referências

- NYE JR, Joseph S. **Cyber Power**. PN Books Publisher, 2010.
- OSORIO, Jaime. **O Estado no centro da mundialização**. Ed. Expressão Popular, 2019.
- ORWELL, George. **1984**. Companhia das Letras, 2009.
- CARR, Nicholas. **A grande mudança**. Editora Landscape, 2008.
- ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Editora Intrínseca, 2019.
- LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Editora Intrínseca, 2018.
- BENDIKSEN, Jonas. **The book of Veles**. Ed. Gost Books, 2021.
- GATES, Bill. **A estrada do futuro**. Cia das Letras, 1995.

Recebido em 04 nov. 2021 | aceite em 15 dez. 2021.

